

UMA VIAGEM PELA EUROPA EM 1949: O DIÁRIO E A CORRESPONDÊNCIA DE FERNANDA TASSO DE FIGUEIREDO

Ana Maria Pessoa

Universidade Federal Fluminense

E-mail: apessoa@ese.ips.pt

Resumo: O presente texto buscou analisar, a partir de cartas, artigos e outros documentos a trajetória de Fernanda Tasso de Figueiredo. Sobre esta senhora apenas conhecíamos a pequena biografia publicada em apêndice a um outro trabalho de investigação (GUIMARÃES, 2002) assim como as referências que, nessa fonte, foram feitas à sua participação na revista Modas & Bordados, na qual colaborara, entre 1943 e 1945, durante a direção de Maria Lamas, sobretudo com artigos e reportagens de "interesse sociológico", ao lado de outras figuras como as médicas Carolina dos Remédios, Sara Benoliel e Maria Carolina Ramos, Emília de Sousa Costa, Irene Lisboa, Lília da Fonseca (pseudônimo da feminista Maria Lígia Valente da Fonseca Severino), Manuela Porto, Maria de Castro Henriques Oswald ou ainda Virgínia Motta. Portanto, os dados que, sobre a mesma personagem, recolhemos durante a nossa pesquisa são, como veremos, uma ajuda valiosa para trazer Fernanda Tasso de Figueiredo para o lugar que merece, junto com outras mulheres que, de meados do século passado em diante, contribuíram, com o seu trabalho, para dar maior visibilidade às lutas que hoje se continuam a travar na área feminina/feminista.

Palavras-chave: Fernanda Tasso de Figueiredo; gênero e escrita epistolar.

Introdução

Durante a fase da pesquisa para outro trabalho (PESSOA, 2006), encontramos diversas cartas, artigos e outros documentos que haviam sido escritos por Fernanda Tasso de Figueiredo (FTF). A participação que esta senhora tivera na revista *Os Nossos Filhos* (Lisboa, 1942-1958/64), sobretudo ao nível de artigos ali publicados sobre vários temas, assim como as diversas cartas que, como outras leitoras da revista, enviara para a directora, além do facto de, até ao fim da vida desta última, ter cultivado relações de amizade com Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa (esta é a sua obra-alvo do referido trabalho de investigação), puseram a realização de uma biografia de Fernanda Tasso de Figueiredo na lista das nossas prioridades.

Sobre esta senhora apenas conhecíamos a pequena biografia publicada em apêndice a um outro trabalho de investigação (GUIMARÃES, 2002), o qual faz referência sobre sua participação na revista *Modas & Bordados*. Nesse sentido, colaborara, entre 1943 e 1945, durante a direcção de Maria Lamas, sobretudo com artigos e reportagens de “interesse sociológico”, ao lado de outras figuras como, apenas a título de exemplo: as médicas Carolina dos Remédios, Sara Benoliel e Maria Carolina Ramos, Emília de Sousa Costa, Irene Lisboa, *Lília da Fonseca* (pseudónimo da feminista Maria Lúcia Valente da Fonseca Severino), Manuela Porto, Maria de Castro Henriques Oswald ou ainda Virgínia Motta.

A urgência de entrevistar as possíveis colaboradoras (ainda vivas) da revista *Os Nossos Filhos*, levava-nos a estabelecer um conjunto de contactos no qual figurava o nome de Fernanda Tasso de Figueiredo de quem só pudemos já ter informações por meio de uma neta,¹ Isabel Maria de Caldas Correia Lage.

Os dados que, sobre a mesma personagem, recolhemos durante a nossa pesquisa são, como veremos, uma ajuda valiosa para trazer Fernanda Tasso de Figueiredo para o lugar que merece, junto com outras mulheres que, de meados do século passado em diante, contribuíram, com o seu trabalho, para dar maior visibilidade às lutas que hoje se continuam a travar na área feminina/feminista.

A necessidade de dar-lhes voz, de conhecê-las, nomeadamente, através da realização de pequenas biografias, levou-nos a contactar, como já referimos, as próprias ou as famílias, quando aquelas já não estavam acessíveis (devido à doença ou morte).

¹ Entrevistada em 5 de março de 2004, em sua casa; sem sua colaboração, este texto nunca poderia ter sido escrito. Foi ela quem nos deu o *Jornal de viagem* (dactiloscrito original) que aqui será analisado e que ficará, como *Documentos Anexos* ou *Doações*, junto ao *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa*, ainda hoje depositado na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Durante a referida entrevista, tivemos acesso a muitos outros documentos de FTF. Estão neste grupo diversas fotografias, os *ex-libris* da própria [cuja legenda é: *Ansiosa de luz...*], o do marido (este datado de 1932) e o do filho,² com lema *Veritas*, que ela tanto apreciava, assim como muitos outros documentos entre os quais figurava o *Jornal de Viagem* que ela havia feito à Europa, em 1949. Foi este último, um dossiê manuscrito e dactiloscrito, num total de mais de cem páginas (apontamentos da viagem, cartas, folhetos, bilhetes, ...) que a neta colocou sob a nossa guarda e que será analisado mais adiante.

Fernanda Tasso de Figueiredo nasceu em Lisboa em 11 de Junho de 1905, filha de Carlos Pinto Tasso de Figueiredo e de Natividade Tasso de Figueiredo. Tinha uma irmã, Helena Tasso de Figueiredo que, mais tarde, se tornaria Faro Viana, por casamento. Sua irmã e o cunhado, Adriano Faro Viana, são os que financiam a viagem, objeto de estudo deste texto. Desta irmã terá dois sobrinhos: Maria Leonor Faro Viana e Aníbal Faro Viana, a quem ela frequentemente se refere na correspondência que envia para a directora da revista *Os Nossos Filhos*. Fernanda casou com Alberto Lys Correia Lage e teve dois filhos: um, que morreu cedo e outro, Carlos Henrique Tasso de Figueiredo Correia Lage, que nasceu em 11 de Fevereiro de 1924 e que virá a casar, em 29 de Outubro de 1949 (ou seja, aos 25 anos, apenas alguns meses depois de Fernanda Tasso de Figueiredo regressar de sua viagem), com Maria Manuel da Silva Pereira Caldas Correia Lage. É esta a “Mané” a quem FTF se refere nas cartas que, durante a viagem, envia para o filho, então já a trabalhar no Porto e onde viverá até 1954.

Aquela senhora estudou em casa, como era vulgar à época, para meninas cujo futuro seria certamente o casamento. Quando o filho tinha 15 anos, ou seja, em 1939, o divórcio vem colocar um fim numa vida de menos preocupação numa época em que tal situação não fazia parte do quotidiano nacional. Começa a trabalhar ao mesmo tempo que vai mantendo uma participação regular em diversas publicações femininas. Da leitura dos documentos manuscritos a que tivemos acesso (ROSA, 2001), concluímos que o emprego que conseguira como arquivista do Grémio dos Armazenistas dos Vinhos não era a sua maior compensação. A curiosidade intelectual acaba por levá-la a ter uma constante abertura para o que aqui (e no estrangeiro) ia sendo publicado, sobretudo no que à educação feminina e infantil dizia respeito.

² Na Carta de 16-5-45 (Caixa 41. Maço 3), faz-lhe referência, explicando que o havia mandado fazer quando o filho tinha 21 anos. Fê-lo acompanha da legenda: “No mar encapelado da Vida, a Verdade, luz que se não extingue, vem sempre ao lume d’água. Tua mãe”. Esta lição a completar toda aquela que tentei dar-lhe pela vida fora, tenho fé em Deus que resulte devidamente e mais tarde, quando eu já não viver, ficará ainda a recordar-lhe o meu grande desejo [...]”. Foi este *ex-libris* que a neta nos facultou, desenhado por Joaquim Maria Duarte, homem de “[...] aspecto tímido que se empregou como contínuo no Grémio [...] e fazia os desenhos para as gravuras do Relatório Anual do Grémio e [...] mais tarde foi para a Secção de Propaganda da Ford”.

Esta personagem deixou-nos um imenso acervo de correspondência que está no *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa* (2001) e que não deixamos de analisar, pois é a partir dele que identificamos alguns dos elos que nos permitem caracterizar Fernanda Tasso de Figueiredo. As cartas chamam

[...] a atenção das Ciências Sociais ao cotidiano e às representações e significados das práticas sociais em contextos específicos [e] a análise do suporte, da periodicidade, dos temas e das circunstâncias nas quais foram escritas e lidas revela os fios da rede de ideias e afectos tecida nessa especial forma de sociabilidade e solidariedade [...] (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 6, 7).

Muitas vezes, Fernanda Tasso de Figueiredo envia cartas a Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa para “[...]conversar, desabafar, agradecer, pedir, segredar, informar, registrar, desculpar, desculpar-se ou falar da vida [...]”; a sua análise reveste-se de importância pois reflecte os laços criados, porque elas “[...] guardam consigo os sinais de parte de um tempo, mostram formas próprias e singulares de um relacionamento social [...]”. Dado que a “[...] troca de cartas fascinou as mulheres e registou confidências, estreitou amizades, resguardou segredos (e elas) deixam escapar as miudezas do cotidiano, a experiência familiar, a visão do mundo [...]” (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 5, 6). essa correspondência ajuda a encontrar respostas a algumas das questões que orientam o texto que aqui trazemos.

Se, por um lado, as cartas podem ser vistas como “[...]espaço privilegiado de efusões sentimentais[...]”, elas estão também “[...] submetidas às regras sociais e discursivas do controle [...]”. Essa “[...] falsa naturalidade [...]” e uma certa dimensão “[...] agonística – o jogo entre mostrar-se e esconder-se [...]” estão sempre presentes na mente de quem analisa a correspondência; porém, tal cuidado não impede que “[...] uma das riquezas das cartas como fonte documental seja esse espaço privilegiado de *falar livremente* [ao mesmo tempo que] forjam mecanismos para burlar a tirania de tudo dizer, contar e falar [...]” (IONTA, 2002, p. 249).

Neste mundo em que já poucos diários são produzidos e em que se prevê o desaparecimento da prática epistolar, mais interessante é o acesso a diversos tipos de documentos guardados em baús pelas famílias, até à próxima limpeza ou leilão público.

Quer este *Jornal de Viagem* quer as cartas ou mesmo os artigos escritos por Fernanda Tasso de Figueiredo e publicados em *Os Nossos Filhos*, estão marcados, à partida, “[...] por um estigma de *classe* [...]”(SAEZ; CASTILLO GOMEZ, 2002, p. 79-107) pois são escritos por quem tem a possibilidade e a disponibilidade para o fazer (mesmo que se refira que o faz num excesso de cansaço, depois de toda a casa estar a dormir) e tem acesso a meios e bens culturais que ultrapassam o simples domínio das competências de escrita e leitura.

O uso dessas fontes é importante, pois a “[...]análise do suporte, da periodicidade, dos temas e das circunstâncias nas quais foram escritas e lidas revela os fios da rede de ideias e afectos tecida nessa especial forma de sociabilidade e solidariedade [...]” (BASTOS; CUNHA; MIGNOT, 2002, p. 5).

No *Espólio de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa* (ROSA, 2001) existem 41 cartas de FTF, escritas entre 1944 e 1972 (Caixa 62. Maço 2), a que se devem acrescentar mais 19 que fazem parte de um dossiê que, em 1952, Fernanda Tasso de Figueiredo organizou com todos os contactos para realizar, em Lisboa, uma homenagem à directora da revista *Os Nossos Filhos* e que, só não se concretizou, por manifesta oposição da possível homenageada. Também ali encontramos diversas fotografias daquela senhora, sendo a última tirada durante um jantar que, em 1 de Junho de 1999, aquando do 90º aniversário de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, reuniu FTF e muitas outras figuras públicas e do círculo de amizades, pessoais ou profissionais, de ambas. É uma fotocópia dessa fotografia de FTF que está no verso da capa do dossiê sobre a viagem à Europa, objecto de análise deste texto, como já referido.

Mas, de que falam estas cartas? Os temas são os mais variados, desde o envio de cumprimentos até reflexões sobre a orientação da revista ou apenas para apresentar alguma colaboração a mais. Assim sendo, vejamos, de forma resumida, o conteúdo das referidas cartas, pois elas permitem traçar um breve perfil biográfico de FTF.

Os artigos para a revista *Os Nossos Filhos* versam vários temas, como o respeito pelos “artistas ignorados” que existem por trás do cinema, “como impressores [...] florista que fabrica flores artificiais, serralheiro, ,carpinteiro [...] electricistas, fotógrafos, ensaiadores e cenógrafos, engenheiros [...]”(Carta s.d. Caixa 41. Maço 3); há uma recensão sobre o livro *Futures épouses*, do Abbé Grimaud, que a sobrinha estava a ler e cujos capítulos que mais lhe agradam se propõe traduzir para a revista (Carta de 30 jun. 44. Caixa 41. Maço 3); a elaboração de uma longa lista de obras que raparigas e rapazes deveriam ler (Carta de 3 e 4 jul. 44. Caixa 16. Maço 1); ou a organização de todo o processo que haveria de levar, por seu intermédio, à eleição de Maria Lamas para a presidência do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (Carta de 2 dez. 44. Caixa 41. Maço 3), esta escrita, como muitas outras, em papel timbrado da *Direcção do Grémio dos Armazenistas de Vinho*, onde FTF trabalhava. Também escreve uma carta a explicar um artigo que escrevera sobre *Educação na Suíça* (Carta de 15 abr. 5. Caixa 41. Maço 3); reflecte sobre artigo do médico Ferreira de Mira (Carta de 16 maio 45. Caixa 41. Maço 3); aproveita para tecer considerações sobre a criação que uma *Liga de Protecção à Infância* que Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa queria fundar (Carta de 20 maio 45. Caixa 41. Maço 3), entre muitos e muitos outros temas.

Da leitura dessas cartas também é possível mapear algumas das relações sociais que mantinha. Estão, nesse caso, a sua ligação ao *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (foi FTF que, através de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, apoiou a candidatura de Maria Lamas à – última – direcção daquela Associação (Carta de 2 dez. 44. Caixa 41. Maço 3). Nela se percebe que há uma relação familiar entre FTF e a “tia Isabel” [Cohen von Bonhorst], que apoia Maria Lamas mas quer consultar ainda Sarah Beirão.

Conhece também João de Deus, que encontra no Teatro Nacional, durante uma conferência de Virgínia Vitorino (Carta de 6 mar. 45. Caixa 41. Maço 3); conhece e é prima de uma das assistentes protectoras do *Preventório de Colares*, Beatriz Benjamim Pinto Gonçalves, e é amiga de Baeta Neves, uma senhora também divorciada (Carta de 16 maio 45. Caixa 41. Maço 3)). Por intermédio do Eng. Gastão Benjamim Pinto, director da Empresa de *Cimentos de Leiria* (que encontra no eléctrico quando se dirigia para o Grémio), irmão da prima de que falara em carta anterior, vai conseguir uma reportagem sobre a empresa para *Os Nossos Filhos* (Carta de 17 maio 45. Caixa 41. Maço 3). Conhece também o Dr. António Emílio de Magalhães, da *Liga Portuguesa de Profilaxia Social do Porto* que lhe publica os artigos que a censura não deixa passar, ou propõe o apoio de Lobo da Costa, marido de uma amiga (com quem irá fazer a viagem à Europa em 1949), para que ele possa interceder, nos EUA, para ali se vender a revista *Os Nossos Filhos* (Carta de 16 jun. 45. Caixa 41. Maço 3).

Fernanda Tasso de Figueiredo é uma senhora que lê (desde o *Diário de Notícias* ao *Diário de Governo*, passando por inúmeras obras que recomenda colabora na revista *Alma Feminina* do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas* (Carta de 22 maio 45. Caixa 41. Maço 3)); tem relações privilegiadas com a *Cruz Vermelha Portuguesa* (através do general Ferreira Martins) propondo que se crie ali um *Corpo Auxiliar Feminino* (Carta de 18 jun. 45. Caixa 41. Maço 3); refere-se frequentemente à ideia de que a sua família não vê com bons olhos a sua actividade profissional (Carta de 12 out. 45. Caixa 41. Maço 3); colabora em *Modas e Bordados*, como vimos, aquando da direcção de Maria Lamas; trabalha com Maria Alda Nogueira e com dr^a Cristina Cunha no CNMP, lera *A Criança*, de Maria Montessori; escreve para o *Jornal de Elvas* e para *A Província de Angola* (Carta de 15 nov. 46. Caixa 41. Maço 3); é amiga de Maria Octávia Teixeira Bastos Andrea (Carta de 24 nov. 44. Caixa 41. Maço 3); e é sobrinha de general Couceiro de Albuquerque (Carta de 18 nov. 45. Caixa 41. Maço 3), sendo uma das organizadoras da *Exposição de Livros escritos por Mulheres* que estará na origem do encerramento do CNMP (Carta de 8 jun. 46. Caixa 46. Maço 4).

Também irá pertencer à Comissão de apoio à revista *Os Nossos Filhos* e, em 1952, será mesmo a grande organizadora de uma homenagem (nunca realizada) à sua directora mas cujo dossiê (de um enorme bom gosto estético) não só elaborou,

como organizou (Dossiê. Cartas de 1952. Caixa 22. Maço 3). Aí percebemos que tinha ligações privilegiadas com diversas senhoras que lhe dão apoio; entre elas, estão: Maria Clementina Carneiro de Moura, Maria Keil, Anália Torres, M Rosa Araújo, Alice Gomes de Casais Monteiro, Anália Torres, Alice Viera de Almeida, Matilde Rosa Araújo, Matilde Taveira Santos, Maria Barroso, Dalila Passos de Freitas Pereira, do Funchal, Cecília Guimarães, declamadora, e Maria de Lurdes Norberto, declamadora e atriz do Teatro Nacional.

Aquando da passagem dos 14 anos da revista *Os Nossos Filhos* também chamará a si parte da organização da festa que então foi realizada para comemorar essa data e envolve “[...] Manuel Pereira dos Santos, tio da minha sobrinha Maria Leonor de Faro Viana [...]”, a Orquestra Infantil da Fundação Musical dos Amigos das Crianças com Adriana de Vecchi, poesia dita por Eunice Muñoz, ballet com alunas de Elsa Mastbaum e ballet espanhol da prof. Célia Gomes, narração de “Pedro e o Lobo” e os bonecos do Pintor Figueiredo Sobral [...]” (Cartas de 28-5-56 e seg. Caixa 24. Maço 6).

Finalmente, sabemos que é ainda membro da *Comissão Organizadora do Movimento Abolicionista Português*, ou seja, Secretária da Comissão Reorganizadora dessa associação (Cartas de 9 dez. 1946 e 26 abr. 1947. Caixa 68. Maço 1).

Na revista *Os Nossos Filhos*, foram publicados 16 artigos da autoria de Fernanda Tasso de Figueiredo. Não podemos afirmar que este número corresponda a todos os textos ali publicados pois, como muito frequentemente acontecia, a omissão do(a)s autoras(es) era uma estratégia usada não só para publicar algo que teria aceitação mais duvidosa junto do público a quem se destinava, como era uma forma de a mesma autora, de forma discreta, colaborar com vários artigos num mesmo número. Essa colaboração inicia-se em agosto de 1944 e, de forma pouco sistemática, estende-se até maio de 1953.

Vejamos então, apenas a título de exemplo, alguns dos temas abordados por FTF em aquela revista para educação das mães e das crianças.

O exemplo como princípio educativo fundamental é o tema do artigo que publica em agosto de 1944 (OS NOSSOS..., 1944, n. 27); noutros, defende o método João de Deus; escrevera uma peça infantil intitulada *Têm sede as florinhas silvestres*, escrita antes de ler Maria Montessori, e descreve o funcionamento de uma creche, em Beja. Defende, ainda, a criação, como o faz o CNMP, “[...]ao lado de cada fábrica, ou grande organização comercial ou industrial que empregue mulheres, de instalações de pequenos Jardins Escolas João de Deus e creches onde as mães, operárias ou empregadas, pudessem depositar os filhos pequeninos, ao começar o seu dia de trabalho [...]” e também para órfãos ou abandonados [...]” (OS NOSSOS..., 1945, n. 34).

Ao entrevistar Fernanda Ivens Ferraz Hintze Ribeiro Jardim, sobre a *Cruz Vermelha Portuguesa*, ela propõe a criação de um avião sanitário de transporte para a CVP e aborda a vida de Florence Nightingale (OS NOSSOS..., 1945, n. 41). Rebate, ainda, a “[...] tendência existente que faz crer que uma mulher superiormente instruída e culta perde as suas características de feminilidade [...]” (OS NOSSOS..., 1945, n. 42), como irá mencionar novamente no documento sobre a viagem que faz à Europa em 1949. Em alguns dos seus artigos, faz pequenas apresentações de obras de assistência à criança desprotegida, como sejam a *Protecção à criança da Rua* de Octávia Isabel Lucas (OS NOSSOS..., mar. 1946, n. 46), ou a *Casa Mãe das Raparigas da Cidade*. Faz diversas biografias de mulheres célebres e entrevista outras, como a directora da *Casa do Ardina*, a assistente social Maria Luísa Ressano Garcia (OS NOSSOS..., 1953, n. 132). Leu também diversos livros que recomenda, entre eles, a obra de Stephan Zweig, *O Mundo de ontem*, e defende a proibição dos brinquedos de guerra (OS NOSSOS..., 1947, n. 66).

Aos dados de que dispomos para fazer uma pequena biografia de Fernanda Tasso de Figueiredo acrescentamos também alguns que captamos ao ler os seus textos e a identificação das causas que eram as suas e que sempre defendeu nos seus escritos.

FTF era solidária com as causas das mulheres e defendeu sempre que a educação feminina não deveria ser diversa da dos rapazes. Tinha contactos sociais privilegiados mas a sua condição de senhora divorciada, com necessidade ou vontade de trabalhar para impor a sua autonomia, nem sempre era bem vista quer na família, quer no meio em que se movia. Usa sempre um vocabulário que oscila entre o mais formal e a utilização de expressões de calão, emprega deliberadamente formas deturpadas de pronunciar outras palavras, dá provas de ser uma pessoa com imensa energia, determinada mas também muito só. A sua sede de saber é preenchida com as diversas leituras com que se distrai e o trabalho é sempre visto como uma forma de prisão uma vez que não aprecia muito as tarefas que tem de cumprir. As competências que desenvolveu como arquivista dão-lhe os meios para organizar tudo o que pensa ser útil para as suas amigadas e para si mesma.

Sendo irrequieta de feitio e estando sempre disponível para se dar aos outros, será como defensora de diversas causas que também a poderemos observar. Nesta linha, não podemos deixar de a referir como sócia do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, organização feminina que fora criada em 1914, por Adelaide Cabete, onde estavam federadas um conjunto de outras organizações “[...] que se ocupavam das mulheres e das crianças, tanto na vertente profissional, como assistencial e educativa [...] e era uma ramificação do *Conselho Internacional das Mulheres* [...]” (ESTEVES, 2003. p. 243).

Nos seus *Estatutos...*³ de 1946, data em que Fernanda Tasso de Figueiredo nele militava, o CNMP referia ter como fim principal “[...] reunir numa vasta associação e federação as agremiações femininas portuguesas que se ocupam da mulher e da criança, esforçando-se por estabelecer a harmonia e bom entendimento entre todas [...] defender tudo que diga respeito ao melhoramento das condições materiais e morais das Mulheres, especialmente a proletária [...] por uma remuneração equitativa do trabalho [...] na protecção à criança contra maus tratos e exigências de trabalho superior às suas forças, e higiene das grávidas e puérperas [...]”(CONSELHO..., 1946, p. 3-4). FTF era sócia desta Associação e, nesta segunda fase de sua vida (GORJÃO, 2002), assistira à eleição, em 1944, de Isabel Cohen Von Bonhorst para presidente. Maria Lamas, com a prima Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, directora da revista *Os Nossos Filhos*, entra depois de FTF nesta Associação. Sobre o CNMP, dirá *mais tarde* Maria Lamas: “[...] As mulheres que o compunham eram burguesas, muito medrosas. A sua actividade era praticamente nula, quase sempre dirigida num sentido muito ‘maternalista’ para com as mulheres menos favorecidas [...]” (SOUSA, 1973 apud GORJÃO, 2002. p. 145, nota 255). Ela e FTF, na verdade, assim pensavam em 1946 e até o encerramento compulsivo desta Associação, em 1947.

Nas causas defendidas por esta associação feminina estão a mulher como educadora, a intervenção política das mulheres nos municípios, a criação de bibliotecas infantis, a criação de uma *Liga de apoio à criança*, a Educação sexual, a influência dos espectáculos sobre as crianças, a educação dos anormais, a luta antialcoólica, a mendicidade, a assistência infantil ou até o abolicionismo.

No terceiro período do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, entre 1945-47, aquele de que mais informações temos sobre a participação de Fernanda Tasso de Figueiredo, o alargamento foi o objectivo principal. Em outubro de 1946, criaram a *Campanha das cinco sócias*, ou seja, propunham-se “[...] aumentar o número de sócias para 5000 que cada uma traga mais cinco sócias novas [...]”⁴ e tentaram conseguir delegadas em todas cidades, vilas e aldeias. Na reunião de outubro de 1946, foi aprovado, ainda, que o *Conselho* deveria dividir-se em subgrupos de trabalho, por áreas profissionais – designadas *Blocos* – e que seriam o das “[...] universitárias, professoras, empregadas, médicas, advogadas, engenheiras, arquitectas, artistas, domésticas, etc. [...]”. Nessa data, funcionavam já cursos de francês e inglês, mas havia “[...] poucas inscrições para o de estenografia que será dado pela sócia Maria

³ São os mesmos de 24 abr. 1914 que foram vistos por Cassiano Neves, então Gov. Civil de Lisboa.

⁴ Agradecemos a Regina Marques a consulta de *Acta da reunião de 30 de Outubro de 1946* / redigida por Fernanda Tasso de Figueiredo/*Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas – Livro de Reuniões de Sócias*. 10 Novembro de 1945 a 26 de Janeiro de 1946. Lisboa /Depositado no *Movimento Democrático de Mulheres* /Consultado na Exposição *Maria Lamas uma mulher do nosso tempo*, realizada no Museu República e Resistência, em Lisboa, de 8 a 19 de Março 2005).

Emília de Medeiros Tavares [...]”; também propunham a elaboração de um plano de serviço social obrigatório (GORJÃO, 2002. p. 152).

Da leitura das *Actas das reuniões* dos anos de 1945 e 1946, retiramos o nome de algumas das sócias do *Conselho* que faziam parte do círculo de conhecimentos, senão do de amigas, de Fernanda Tasso de Figueiredo, a saber: Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, Maria da Luz de Deus, Maria Evelina Faria e Maia de Aguiar Bustorff, Anália Torres, Comtesse de Pange (Acta de 10 nov. 1945); Maria Jesus Barroso, Etelvina Lopes de Almeida, *Lília da Fonseca* (Acta de 24 nov. 1945); Berta Rosa Limpo, Maria Helena Rosa Torres Peres, Maria Amália Harberts /Borges de Medeiros/, Matilde Rosa Araújo (Acta de 8 de dez. 1945); Virgínia Jardim Gomes (Acta de 15 de dez. 1945); Eugénia Cunhal (Acta de 5 de jan. 1946); Maria Cesarina Tavares Gonçalves de Castro e Dulce Barroso Morais e Castro (Acta de 12 jan. 1946); Maria Clementina Carneiro de Moura, Manuela Porto, Isabel Aboim Inglês, Stella Fiadeiro (Acta de 19 de jan. 1946). É neste meio social e feminino que se move Fernanda Tasso de Figueiredo.

Em carta de Isabel Cohen von Bonhorst, de 29 de Junho de 1944,⁵ esta senhora agradece a oferta da assinatura da revista feita por Maria Lúcia Vassalo Namorado ao *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, feita através de Fernanda Tasso de Figueiredo. Também é através dela que é feito o convite à directora da revista *Os Nossos Filhos* para ser consócia e para participar nas reuniões que também respeitavam as férias de verão.

Em setembro de 1945, refere-se que o *CNMP* “[...] tem por fim elevar o nível moral, intelectual e social, da mulher e da criança. E porque estamos certos de que a sua acção vai ser grande e notável, gostosamente chamamos a atenção das nossas leitoras para este Conselho, que é uma das mais antigas e a mais representativa instituição feminina do País [...]” (OS NOSSOS..., 1945, p. 33) que tem Teresa Leitão de Barros como Presidente da Assembleia Geral e constituíram-se seis Comissões – Educação, Higiene, Arte, Assistência, Propaganda e Paz – sendo que Elina Guimarães é apresentada como Consultora jurídica. Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa está em duas dessas comissões: a de *Educação* e a de *Propaganda*. Na de *Educação* também está Maria da Luz Albuquerque e, na de *Assistência*, encontra-se Maria Octávia Teixeira Bastos Andréa que é uma das entrevistadas para a rubrica “Mulheres que trabalham” e que sabemos pertencer ao círculo de amigas de FTF (OS NOSSOS..., 1955, n. 156, set., p. 19).

Em janeiro de 1946, o *CNMP* refere que as reuniões se realizam aos sábados e que as discussões que aí se desenrolam interessam a “[...] todas as mulheres, quer sejam

⁵ Carta em papel timbrado do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Praça dos Restauradores, n.º 13. 2.º Lisboa, em (Rosa, 2001. Caixa 76. Maço 8).

mães ou não [...]”. O plano geral da actividades que o CNMP se propõe realizar é então publicado. Dele constam três capítulos mais gerais em que se identificam as acções que pretendem realizar, a saber, “[...] Coordenar, dirigir e estimular todos os esforços tendentes à dignificação e emancipação da Mulher. [...] Estudar todos os problemas que envolvam interesses da Mulher [...] Tomar as medidas que lhe pareçam necessárias para a resolução destes problemas [...]”. O segundo objectivo desdobra-se em seis pontos diferentes: *situação jurídica da mulher; situação social da mulher; a família; protecção social à mulher; protecção da mulher e dos filhos sob o ponto de vista sanitário e nível intelectual da mulher* (OS NOSSOS..., 1946, p. 17-29).

Com grande e entusiástico apoio de Fernanda Tasso de Figueiredo, será organizada *Uma grande exposição de livros escritos por mulheres de todo o mundo*, em 1947, patente na *Sociedade de Belas Artes* em Lisboa, sendo “[...] promovida pelo *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, com a colaboração de todos os escritores portugueses, do *Grémio dos Editores e Livreiros Portugueses*, das Embaixadas e Legações estrangeiras acreditadas em Portugal, dos *Institutos de Cultura* estrangeiros existentes em Lisboa, etc.[...]”, cujo objectivo seria o “[...] renascimento do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, durante largos anos inactivo [...]”.

Paralelamente, entre 4 e 12 de janeiro de 1947, houve *Programa de palestras e passagem de filmes*,⁶ sendo os convites pedidos à *Sociedade Nacional de Belas Artes*. No primeiro dia, a sessão de abertura contou com Maria Lamas que pronunciou *Algumas palavras sobre o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, seguidas dos filmes *Anjo de misericórdia* e *Salvemos as mães*. Nos restantes dias, o programa foi extenso, com intervenções e conferências a cargo de diversas intervenientes sendo que, no dia 5 de janeiro, Fernanda Tasso de Figueiredo, com Maria Palmira Tito de Morais e Maria Helena Lucas,⁷ também falaram sobre figuras de mulheres. Cremos que, por já ter escrito um texto sobre Florence Nightingale, essa tenha sido a figura abordada por FTF. Nos dias seguintes, entrevistaram Alice Maia Magalhães e Maria Alda Nogueira, Etelevina Lopes de Almeida, Joana Campino Miguel e Carmen Dolores, Manuela Porto, Maria da Luz Espírito Santo, Maria Valentina de Sousa, Maria Teresa Ana de Neves, Benvinda Caires e Amália Neves.

⁶ Existe documento dactilografado em Rosa, (2001, caixa 46. maço 1), com cabeçalho do CNMP e com a morada da casa de Maria Lamas, à época na Travessa da Fábrica das Sedas, nº 1 às Amoreiras.

⁷ No texto, a lápis, com letra de Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva Rosa, tem indicação de que “esta conferente trocou com Amália Neves”.

Dois anos depois, ou seja, em setembro de 1949, haverá nova exposição de livros escritos por mulheres,⁸ mas desta vez no Brasil,⁹ no *Liceu Literário Português*. A iniciativa¹⁰ partira de Iveta Ribeiro¹¹ que em 1945 fora convidada pelo *Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto*, do *Liceu Literário Português* – Fundação José Gomes Lopes, para fazer um trabalho sobre *Poetisas Portuguesas Contemporâneas* e fora-lhe difícil reunir obras, porque elas não existiam quer em livrarias, quer em bibliotecas públicas ou ainda nas associações culturais da colônia portuguesa residente no Brasil. Contou com o apoio, em Portugal, da poetisa Ilda Correia Leite, e iria organizar, no *Liceu Literário Português*,¹² uma estante *Feminina Portuguesa* com as obras que figuram na *Exposição*.

Num total de 96 mulheres representadas, apenas 25 não constam do *Catálogo da Exposição de Livros escritos por Mulheres*, que, dois anos antes, fora a causa do encerramento do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, em Lisboa. Muitas das obras seleccionadas para esta *Exposição* no Brasil são as mesmas que haviam sido expostas em Lisboa mas, casos há, como acontece, por exemplo, com Estela Brandão, em que é maior o número de obras-patente no Brasil do que na *Sociedade Nacional de Belas Artes*.

Entre agosto de 1944 e julho de 1950, na revista *Os Nossos Filhos*, Fernanda Tasso de Figueiredo assina alguns artigos sobre os princípios que devem orientar a educação feminina e a educação infantil. Insiste-se na importância da “[...] saudável educação, note-se bem, que é diferente de instrução, em geral bem mais difícil do que desenvolvimento- duma alma e domínio, quase absoluto, das suas más tendências [...]” e do papel que à Mulher está reservado nessa “missão”: o de fazer com que o lar seja “[...] um doce exemplo de amor e paz onde cada criança se desenvolva num homem ou mulher que, pela sua educação, conduta e caracter, possa ser um elemento precioso e útil à sua Pátria, dignificando-a com a sua virtude, e tornando

⁸ Existe no *Espólio* (ROSA, 2001, caixa 29. maço 3) o catálogo desta exposição, de 6 p., impresso, da autoria do *Liceu Literário Português* e intitulado *Exposição do Livro feminino de Portugal no Brasil: integrada nas festas comemorativas do 81º aniversário da fundação desta instituição: inaugurada em 28 de Setembro de 1949*, no Rio de Janeiro.

⁹ Em 1931, Sara Beirão, em nome do *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, defendera já o intercâmbio cultural entre as mulheres de letras brasileiras e portuguesas no intuito de pugnar pelo levantamento moral e cultural da mulher (ALMA..., 1994, p. 15).

¹⁰ “[...] Escritora brasileira Iveta Ribeiro está organizando uma *Exposição de Livros Femininos de Portugal*, que deverá realizar-se no próximo mês de Setembro, no *Liceu Literário Português*, do Rio de Janeiro. As escritoras portuguesas poderão enviar os seus livros de qualquer género, devidamente autografados, à «Directoria do Liceu Literário Português – rua Senador Dantas, 118 – Rio de Janeiro» até 30 de Agosto corrente, a fim de serem catalogados e apresentados no grande certame em organização (ONF, ago. 1949)”. Da *Exposição* existe catálogo no *Espólio* (ROSA, 2001, caixa 29. maço 3).

¹¹ Também colaboradora da revista portuguesa *Portugal Feminino*.

¹² A biblioteca desta instituição funcionava todos os dias úteis, das 14-16h, menos aos sábados, na rua Senador Dantas, 118, 2º andar, no Rio de Janeiro.

os seus venturosos [...]”. A mulher tem como função principal a “[...] moralização da sociedade [...]” (OS NOSSOS..., 1944).

Do ponto de vista teórico, esta autora vai ser responsável pela tradução livre, para *Os Nossos Filhos*, de alguns dos capítulos que ela considerou mais importantes na obra *Futuras esposas* de Charles Grimaud, um padre que, melhor do que muitas mulheres, conseguira “[...] escrever um conjunto de princípios básicos que nenhuma mãe devia desconhecer para bem orientar a educação moral das filhas [...]”. Ao tomar esta atitude, a tradutora pretende “[...] Despertar a moral da Mulher para, carinhosa e inteligentemente, a poder dirigir, com elevação, na mais nobre e sublime de todos as suas missões [...]”, no capítulo que se refere à educação sexual de ambos os sexos, uma vez que os rapazes “[...] correm o perigo de ter sido mal dirigidos sobre os complicados problemas que se relacionam com a sua vida sexual, em detrimento do pureza da sua futura vida conjugal, /e que a/ rapariga é criada sob o ameaça de nunca lhe falarem em qualquer desses melindrosos assuntos [...]” (OS NOSSOS..., 1945).

As jovens devem ser orientadas subtilmente para “[...] os verdadeiros deveres conjugais que a noiva de hoje terá de praticar, corajosamente, amanhã. [...] Este despertar moral deve ser realizado tendo como base a grande ideia de «maternidade», centro e eixo de toda a perfeita formação da futura mulher [...]”; sem nunca ferir a emotividade e sensibilidade femininas há-de ser também ensinado à menina que “[...] a esposa e a Mãe têm, na ordem social [...] um papel complementar do homem e um lugar duma importância absolutamente igual à dele [...]” (OS NOSSOS..., 1945).

Este texto será continuado no número seguinte, chamando a atenção para a importância da educação da vontade feminina e para a necessidade de a orientar no sentido do cumprimento do dever e da virtude. Tanto para a rapariga como para os rapazes, o ideal de pureza deve ser um fim a atingir, e toda a jovem na “[...] idade em que deve ser formada a alma da futura esposa, mais ou menos à roda dos dezasseis anos [ou antes mesmo, segundo os casos] tem necessidade de ser esclarecida sobre estas questões [...] /de forma a que chegue/ à hora gravíssimo do casamento com uma consciência não somente absoluta mas perfeitamente clara relativa às suas obrigações para poder energicamente ficar apta e decidida a preenchê-las [...] /porque na maior parte dos casos/” o que ela sabe adivinhou-o em frases soltas, palavras que ouviu e não entendeu, factos de que fatalmente foi testemunha, respostas vagas e indecisas que conseguiu obter de seus pais, se, por acaso, alguma vez se atreveu a interrogá-los... Os pais, encarniçam-se em manter a filha numa falsa verdade que lhe alimentam com meias mentirolas e ridículos, ou, mesmo, com o mais severo e inconsciente dos silêncios [...]” (OS NOSSOS..., 1945).

Como refere Fernanda Tasso de Figueiredo, a questão não é fácil uma vez que entre o *dizer nada* e o *explicar tudo*, há Mães que não sabem como “[...] abordar

os complexos problemas sexuais [...], porque imaginam que é preciso dizer tudo abruptamente e numa só vez e recuam, aterradas, perante semelhante dilema [...]. Ela recomenda que as mães procedam “[...] lentamente, a pouco e pouco, [...] com a maior paciência, perseverança e tacto subtilíssimo [...], ensinando-as e convencendo-as que foram criadas para ser mães, não se esquecerá da utilidade de ensinar os suas pequeninas «a brincar às mamãs»[...]”. Estará, assim, o caminho aberto para falar da maternidade “[e] o milagre da intervenção de Deus no seio de Maria, suscitando a sagrada concepção [...]” poderá ser usado como exemplo (OS NOSSOS..., 1945).

Como se vê, a questão não era simples e as mulheres tinham disso consciência. O facto de serem membros de uma organização de defesa das mulheres não lhes dá, por si só, como é evidente, a possibilidade de pensar diferente do que a maioria das mulheres deste grupo social então entendia sobre o assunto.

Outra causa defendida por Fernanda Tasso de Figueiredo é a do pacifismo, na sua aversão aos brinquedos bélicos. Esta chamada de atenção não era nova no CNMP, uma vez que, já em 24 de julho de 1931, a Associação elaborara, “[...] em conjunto com outras organizações femininas internacionais, um abaixo-assinado a favor do desarmamento para ser entregue aos respectivos governos [...]” (ORGANIZAÇÃO..., 1994. p. 16).

Outra das preocupações expressas por Fernanda Tasso de Figueiredo é o problema das mulheres trabalhadoras e educadoras. É com título semelhante a este que, em 1946, em *Alma Feminina*,¹³ órgão do CNMP, se reflecte sobre um conjunto de problemas que a mulher enfrenta, sobretudo a mulher casada, com filhos.

Ela abordará esta questão nos seus escritos, se bem que não em muita profundidade, pois quando colabora quer em *Modas e Bordados*, quer em *Os Nossos Filhos*, o filho tinha ultrapassado há muito a infância, época em que ela considera ser mais difícil conciliar as duas faces da vida da mulher, como já foi referido.

Uma outra causa cívica em que vemos Fernanda Tasso de Figueiredo com enorme empenhamento é, como veremos também no *Jornal de Viagem*, o abolicionismo pelo qual se combatia a prostituição, tida como uma chaga social e moral que arrastava os rapazes para a perdição e para o desrespeito pelas futuras esposas, como ela refere (de forma mais ou menos delicada), assim como Anália Torres ou Elina Guimarães e Maria Lúcia Vassalo Namorado, em *Os Nossos Filhos*. Como Alberto Bramão defendera em 1924, no 1º Congresso Feminista e de Educação: “[...] O Estado não reconhece a prostituição como modo de vida, constata os males por ela produzidos e procura os seus remédios. [...] A prostituição não é um delito. [...] Os regulamentos da prostituição

¹³ B., M. A mulher e a educação dos filhos. *Alma feminina*, ano 29, n. 15, p. 3, 4, maio 1946.

ou outra qualquer medida excepcional contra a mulher, por ineficazes, por imorais, por degradantes e por um rudimentar princípio de equidade, devem ser abolidos.[...] Como medida de profilaxia social deve procurar-se: — a) desenvolver e aperfeiçoar a assistência médica gratuita aos doentes venéreos, devendo suprimir-se os hospitais especiais para tratamento destes doentes. — e) Vulgarizar os conhecimentos de higiene individual, as medidas preventivas [...] /e deveriam debelar-se/ os males causados pelas doenças venéreas por meio de palestras populares, folhetos e outros impressos, gravuras, animatógrafos, museus, etc., etc. [...]”(BRAZÃO, 1925, p. 180).

Este problema era também visto como uma falha da educação masculina, como o verá mais tarde Fernanda Tasso de Figueiredo em *Os Nossos Filhos*; ela, tal como Arnaldo Bramão, considerava que “[...] no dia em que se resolver o problema da educação, está resolvido o problema feminista, o económico e o político, e tantos outros que, neste momento, assoberbam a sociedade portuguesa [...]”. (BRAZÃO, 1925, p. 188).

Para Fernanda Tasso de Figueiredo, a prostituição era vista como uma forma de exploração da mulher e, pela caridade, deveria desviar-se a mulher desse caminho.

Em 1949, realizara-se uma *Exposição bibliográfica e iconográfica abolicionista*, entre 6 e 14 de maio, na *Sociedade de Geografia* em Lisboa, com sessão solene na *Casa de Entre Douro e Minho*, a fim de se comemorar o 75º aniversário da *Federação Abolicionista Internacional* (ROSA, 2001. Carta de Arnaldo Brazão. Lisboa, 3 nov. 1949. Caixa 47. Maço 4). Em *Os Nossos Filhos*, também se ensina às leitoras que o fim da *Liga Portuguesa Abolicionista* era o de “[...] combater a prostituição em geral, particularmente, a regulamentada. Portugal é um dos cinco ou seis países da Europa que mantêm a regulamentação. Aqui esta um problema gravíssimo pelo qual devem interessar-se todas as mulheres que pregam a dignidade do seu sexo, a moral e a saúde das suas famílias [...]” (OS NOSSOS..., 1950).

Após esta abordagem de alguns aspectos da vida e obra de Fernanda Tasso de Figueiredo, apresentamos, depois de uma breve contextualização histórica, a análise ao *Jornal de Viagem* que ela elaborou, depois de uma visita à Europa do pós-guerra, entre abril e maio de 1949.

Em Portugal, se bem que sem nela directamente participar, as consequências da Segunda Guerra, também aqui se fizeram sentir, pois “[...] o ‘custo de vida’ terá aumentado entre as vésperas da guerra e 1946 em 146% de acordo com o *Banco de Portugal* e de 108% de acordo com *INE*, subindo a alimentação entre 163% de acordo com *Banco de Portugal* ou de 117% de acordo com *INE*. Também em 1943, o preço dos produtos essenciais como arroz, feijão, bacalhau, batatas, toucinho, banha e cebolas sobe o dobro e até ao triplo dos tabelados” (ROSAS, 1990, p. 298, 301, 302).

Como nos mostram alguns médicos que Fernanda Tasso de Figueiredo preza (MIRA, 1945), eram excessivas a miséria, a falta de condições de higiene, a mortalidade infantil nos campos á qual se juntava, nas cidades, a crise da pequena burguesia urbana, mais ou menos letrada, “as classes médias”. Os aumentos dos funcionários públicos foram de “[...] 20% em 1944, de 15% em 1945 e de 20% em 1946- na função pública totalizando 55% desde 1939 [...] insuficiência reconhecida pelo próprio Governo [...] os ordenados dos servidores do estado não tinham conseguido “apanhar” o ritmo dos preços [...] que segundo números do *Banco de Portugal* subiram 148% entre 1939 e 1946[...] e os vencimentos na função pública conheceram uma quebra real de 36%. Com agravante de entre 1940 e 1942 terem estado sujeitos ao imposto de salvação pública[...]”. Este “mal-estar” das classes médias e do funcionalismo público continuaria a fazer-se sentir até 1947 e pode explicar algum do muito descontentamento existente(ROSAS, 1990, p. 417-421).

Em Inglaterra, também a crise era enorme, sendo que os professores tinham visto o seu número drasticamente reduzido pela “[...] perda de muitos membros que se alistaram nas Forças Armadas [...] e as mães estavam agora em [...] Organizações femininas, cheias de entusiasmo, tais como o *Serviço Feminino Voluntário*, os institutos femininos provinciais e as mães pertencentes às associações maternas ofereceram os seus serviços para ajudar no funcionamento das cantinas [...]” (OS NOSSOS..., 1946).

É neste ambiente que enquadrámos a visita de Fernanda Tasso de Figueiredo à referida Europa em reconstrução, em 1949.

Do ponto de vista metodológico, o *Jornal de Viagem* de que aqui nos ocupamos deve ser visto à luz da investigação mais recente sobre o uso, em História das Mulheres, de fontes primárias autobiográficas em risco de desaparecerem. Como refere Alain Touraine (2006, p. 221-226), a escrita de percursos de vida femininos pode (e deve) ir buscar este tipo de fontes mas “[...] basear-se na voz e na palavra das mulheres [...] tem um preço: baseia-se no que há de mais privado [...]” nas suas vidas. Esta “[...] importância das mulheres e de analisar as obras [...]” delas, de “[...] ouvir a voz delas [...]”, é um dos meios que nos permite reconstruir o pensamento e percursos de vida daquelas que nem sempre podemos já entrevistar.

Ao redigir uma narrativa sobre a viagem que realizou, Fernanda Tasso de Figueiredo irá fornecer-nos uma fonte importante para a reconstrução do quotidiano feminino, uma vez que também o “[...] individual e o particular é entendido como actor e agente histórico [...]” (VICENTE, 2000, p. 16).

Esses tipos de textos, inexistentes ou muito raros, são voltados a alguma invisibilidade. Neste caso, o exercício de escrita de diários, tão comum em períodos anteriores ao século XX (COSTA, 2008) vai ser precioso, uma vez que sobre ele

podemos trabalhar para devolver à história uma reconstrução de um momento muito particular da vida de Fernanda Tasso de Figueiredo, vista como turista numa Europa devastada pela Guerra.

Neste roteiro de viagem, há o dito e o não dito, como veremos, mas o grande objectivo da sua construção é o de fixar um momento de felicidade que não mais se pretende esquecer. Tal como já referimos em relação ao uso de cartas, este roteiro serve de confidente à autora, além de servir de produto que a ajudará a não omitir nenhum dos dados do percurso realizado. O diário da viagem, que ela poderia (re) ler quantas vezes quisesse, posteriormente, seria para ela uma forma de narração que traz “[...] aquele sentimento de duração nas colectividades e nos indivíduos, [...]” como afirmam Le Goff (1986) e outros autores (COSTA, 2008). Sabemos que FTF nunca terá pensado que esta fonte primária iria servir algum dia para, do exterior, alguém analisar (uma pequena parte) do quotidiano do fim dos anos 1940 na Europa. É esta a vantagem das “fontes inadvertidas”, como o são também muitas publicações periódicas. Ao preservar este documento, a família teve a intenção de ilustrar alguns passos da vida de FTF, mas não imaginou que o viria a entregar para estudo. É interessante ainda que, do ponto de vista de *género*, seja uma mulher a ler aquilo que outra escreveu sobre os pouco mais de 20 dias que durou a viagem. Por força da educação tradicional, estamos mais ligadas ainda a esta atitude de contar, de guardar segredo... Do ponto de vista de *classe* e *cultura*, este é um documento extremamente interessante, pois que a autora vacila entre o poder económico dos seus companheiros de viagem (desabafa com o filho ou com o seu diário) e a possibilidade que teve de, embora sem os meios de que aqueles dispõem, poder acompanhá-los, mostrando-se muito mais voltada para as questões da cultura do que para o mundanismo de algumas das opções que segue, não sendo as suas.

Este roteiro de viagem também nos permite analisar o pensamento de Fernanda Tasso de Figueiredo e identificar os princípios que o norteavam, sobretudo numa área pouco estudada, como a dos lazeres femininos.

No que ao *Jornal de Viagem* diz respeito, este reconhecimento é descrito pela própria autora que, não só vai concretizar um dos seus maiores sonhos – *fazer uma viagem* – (FIGUEIREDO, 1949, p. 96), como também (re)organiza todos os documentos por ela compilados/enviados por forma a perpetuar, sempre que o folheie, o prazer que retira dessa iniciativa.

Façamos então a análise da fonte principal utilizada para este texto que é o *Jornal de Viagem* (dactiloscrito/manuscrito) de Fernanda Tasso de Figueiredo.¹⁴ Este

¹⁴ Agradecemos a Isabel Maria de Caldas Correia Lage, neta de Fernanda Tasso de Figueiredo uma vez que, sem o seu apoio, não seria possível esta abordagem. A entrevista foi feita em Lisboa, em 5 de Março 2004.

tem 96 páginas dactilografadas, organizado a partir de junho de 1949 e inclui os relatos de cada dia, 69 fotografias tiradas entre 30 de abril e 22 de maio de 1949 e as cartas que FTF escreveu à família/amigos, num total de 12 cartas para o filho (47 p.) e de dez cartas para restantes familiares.

Esta viagem de automóvel – um *Dodge*, de 5.728 quilómetros –, foi feita a partir de Lisboa (local de saída e chegada), passando por Salamanca, Bordéus, Paris, Calais, Londres, Biarritz e Madrid. No total, custou 42.167\$02, sendo o montante dividido pelos quatro participantes, a saber, Edgar e Olga [Lobo da Costa] (o casal), Fany [Estefânia Bettencourt Correia Guedes] e a relatora da mesma, Fernanda Tasso de Figueiredo.

Durante esta viagem, a senhora foi sempre tirando notas minuciosas para um caderno de apontamentos que, depois do regresso a Portugal, resolveu organizar. Para isso, pediu a todos os familiares e amigos e ao filho que lhe “devolvessem” a correspondência que haviam recebido, e com os apontamentos já referidos, (re) escreveu e (re)fez o percurso turístico realizado entre 28 de abril e 23 de maio de 1949, num total de 25 dias.

Esse dossiê, ainda inédito, num total de 96 páginas dactilografadas (que correspondem aos apontamentos manuscritos de Fernanda Tasso de Figueiredo) tem hoje, nos locais devidos, as cartas e demais documentos já mencionados e ainda todos os vestígios (bilhetes, ementas, cartões ...) que a autora foi guardando durante a viagem.

Uma página com o *ex-libris* da viagem funciona como página de rosto do dossiê. Nela se pode ler: *Brasão da caravana “Ambíbios hipocondríacos”*, com o subtítulo: *À Europa: se maior foras mais quilómetros andaríamos!*, encimada pela frase: *On swim beaucoup*. Nesse dossiê está ainda arquivado o passaporte de FTF, datado de 27 de abril de 1949. Da leitura do *Jornal de Viagem*, percebemos que brasão foi do percurso. À época, era frequente as pessoas organizarem grupos que faziam excursões e, “[...] a caminho de um almoço, Edgard Lobo da Costa começou a fazer projectos de organizarmos um grupo excursionista para esta nossa viagem nunca mais acabar. E principiou a escolher o títalo (sic). Acabou por se assentar que o mais belo seria “*grupo excursionista dos ambíbios hipocondríacos*”. É magnífico! [...]” (FIGUEIREDO, p. 30). Fernanda Tasso de Figueiredo acrescenta que “[...] foi ele que desenhou o brasão da nossa caravana que figurará, pomposamente, na capa desta história maravilhosa do meu jornal de viagem, da mais inverosímil travessia através da Europa!” (FIGUEIREDO, p. 37). Um “borrão” do desenho final está no referido documento que vamos analisar, no verso de um cartão de visita de FTF.

A expressão/lema “On swim beaucoup” terá sido “[...] a minha frase sensacional que o Edgard adoptara para divisa do brasão da nossa caravana [...]”. Esta frase será repetida por Olga Lobo da Costa quando FTF, em Madrid, na viagem de regresso, compra para si um fato de banho de malha de lã, barato, por 165 pesetas. Toda a gente conhecia a “[...] minha fúria amigável pela água [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 90).

Mas que valor têm esses textos a esta distância? Que contributo dão para a história do quotidiano? Como decorreu a viagem? O que foi visto por um grupo de quatro pessoas que percorre Espanha, Inglaterra e França em viagem de negócios (para um dos participantes) e (para as restantes) de lazer? Sob que pontos de vista são referidas as aprendizagens e observações então efectuadas?

São a estas questões que pretendemos responder com a análise não cronológica do referido documento.

A viagem decorreu entre os dias 28 de abril e 23 de maio de 1949, conforme mencionado. O grupo que a realiza é formado por Edgard Lobo da Costa e a mulher, Olga Lobo da Costa e por mais duas amigas: Fany (Estefânia Bettencourt Correia Guedes, cujo marido é José Correia Guedes, consultor jurídico do Grémio das Conservas de Peixe em Portugal e não vai nesta viagem; ele faz anos a 13 de maio, ou seja, durante o período em que esta decorre) e por Fernanda Tasso de Figueiredo, divorciada. Olga Lobo da Costa, amiga de Fernanda Tasso de Figueiredo (como já vimos em referência anterior neste texto) e de Fany, convida-as a fazerem companhia ao casal pois, devido a negócios, o marido desloca-se a Birmingham para visitar a *Exposição Industrial*, organizada pela *Chamber of Commerce* como parte da *British Industries Fair*. Ele era também o representante em Portugal das máquinas Stand Yale e Oliver “[...] acho que é assim que se chamam [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 37). O filho do casal, ainda pequeno, ficará em Lisboa, com uma ama (esta será despedida durante a viagem dos patrões, uma vez que estes vêm a saber que ela contraíra uma doença de pele e será substituída por uma *nursy*, filha de um dos amigos que Edgard Costa encontra em Inglaterra).

Pela descrição da viagem, percebemos que os laços de amizade entre estas personagens não são de grande intimidade. O percurso é desconhecido dos intervenientes, sendo que é sempre o condutor a decidir como, quando, onde ir, comprar, comer, dormir. Por vezes, o casal partilha a condução do carro, um *Dodge* de matrícula GH-14-45, no qual é colocada uma bandeira nacional em miniatura e que faz “[...] um sucesso por onde passa [...] é admiradíssimo. Pareceram papalvos portugueses, os ingleses a olhar para ele [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 30).

O percurso teve início em Lisboa e terminará na mesma cidade, num total de 25 dias. A chegada a Tamworth, em Inglaterra – *Wigginton House* (de 3 a 7 de maio),

perto de Birmingham –, é antecedida da referência a todas as etapas intermédias (Salamanca, Bordéus, Paris, Calais, Folkstone, Londres). A visita a Londres (entre 7 e 12 de maio) ficará já para a viagem de regresso, assim como as estadias em Paris (de 13 e 16) e em Madrid (entre 19 e 22 de maio).

De início, como se pode ver pelas autorizações de entrada anotadas no passaporte de Fernanda Tasso de Figueiredo, a passagem por dois outros países também estava prevista. Dessa forma, a viagem deveria ter sido feita através de Espanha, França, Inglaterra, Bélgica e Suíça.

Os comentários que FTF faz à passagem pelas diversas localidades são significativos de dois pontos de vista: por um lado, podemos seguir o percurso e, por outro, apercebemo-nos do impacto que a devastação decorrente da Guerra ainda causa. Um terceiro aspecto que poderemos acrescentar são as descrições, que estão impregnadas de ideias feitas sobre os povos e os locais por onde a viagem se realiza.

A passagem por Espanha é desagradável, pois “[...] o país deixa-me desolada como ele próprio é: árido, deserto, feio [...]” (FIGUEIREDO, 1949), embora Tordesilhas tenha uma “[...] entrada lindíssima. À direita há matas enormes de pinheiros mansos. A cidade é velhíssima e debruça-se sobre um rio que atravessámos. O aspecto é paupérrimo mas espantosamente característico [...]”. Em Valladolid, onde foram a um café beber e pedir o “primeiro almoço”[...] desistiram e foram para o restaurante *Madrid*: “o aspecto ambiente e o cheiro a azeite mau desolou-nos...bem como determinado gabinete que tivemos de visitar e que era do piorzinho que se possa imaginar... [...] lá nos serviram um delicioso chá negro que parecia café e sabia a pimenta, fatias de pão frito, um naco enorme e rijo de manteiga pouco boa, churros gordurosos e fritos em péssimo azeite, pão negro e uma compota de doce com tão duvidosa cor que todos se riram do ar enjoado que fiz ao olhá-lo [...]”. A única referência mais agradável em relação à Espanha vai apenas para uma das localidades por onde o grupo passou, pois trazia-lhe lembranças da infância: “[...] em S. Sebastian reconheci a esplanada sobre a praia que [...] conheço de pequenita dumas fotografias duma luneta estereoscópica (sic) que havia em casa de meus avós paternos [...]”(FIGUEIREDO, 1949).

A chegada a França é vista com outros olhos: “[...]A Espanha muito típica mas a França um jardim. As estradas parecem parques verdejantes. É de enlouquecer [...]” e Versailles é “[...] uma maravilha e os jardins um encanto [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 80). A passagem para a Inglaterra apresentou aspectos menos agradáveis, pois “[...] a costa inglesa é árida e feia [...]”, já “[...] os campos, muito verdinhos, estão cheios de carneiros enormes que pastam. Há muitas pequenas casas de madeira, em diversos sítios, espalhados pelo campo, que têm ar de ser habitações provisórias.

Mas, nessas mesmo, há cortininhas nas janelas e não dão nada ideia de bairros de lata [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 18).

São mencionados todos os locais por onde passam e ainda todos aqueles onde pernoitam, com indicação de cada um dos hotéis onde descansam. O texto do *Jornal da Viagem*, assim como muitas das cartas enviadas para a família e para o filho são também redigidos em papel timbrado. Os vestígios de destruição da Guerra, assim como outras das suas consequências no quotidiano são sempre abordados por Fernanda Tasso de Figueiredo.

Logo no segundo dia de viagem é referida a existência de “coupons” de gasolina, pois esta estava racionada. No dia seguinte, “[...] o Lobo da Costa conseguiu os tickets para a gasolina. Mas foi uma história engraçada. Acho que é a polícia que os fornece e fizeram uma espécie de pequena chantage em relação ao pagamento dos mesmos, acabando o Edgard por ter de os pagar em dólares; isto na polícia[...] [Salvo erro foi qualquer assim no género. A polícia francesa, pois, que me perdoe se a faço passar por uma bem pouco edificante figura...]” (FIGUEIREDO, 1949).

Em Bordeaux, “[...]ainda se vêem muitos vestígios da guerra! E confrange sempre recordar o que teriam sido esses dolorosos tempos de pesadelo...com cada casa destruída quanta dor aumentada [...]”. Em Poitiers, “[...] há imensa coisa destruída pela guerra. Mais tragédia [...]”. Em Tours, há “[...] um montão de bombas abandonadas [...] está arruinadíssima. Na avenida da entrada há barracas de madeira em que os comerciantes, cujos estabelecimentos foram arrasados, puderam instalar provisoriamente, de novo os seus negócios. Isso dá à cidade um certo ar de feira, pelo menos naquele ponto [...]”. À entrada de Vendôme “[...] a cidade recorda-nos ainda o que foi a guerra. Por toda a parte deixou o seu triste estigma. É horrível! [...]”(FIGUEIREDO, 1949, p. 9). Beauvais está “[...] está desoladamente destruída [...]. Indicam-nos o Hotel d’Ingleterre (sic) mas fora destruído e o Restaurant Chateaubriand está instalado numa casa de madeira como, aliás está uma grande parte da cidade [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p.12).

Na carta que envia à família, no mesmo dia, escreve: “[...]Pelo postal do Lobo da Costa fazem uma ideia de como tudo isto está. Ao natural é mais arrepiante ainda. A guerra sente-se, nas cidades em ruínas, mais e mais, à medida que nos aproximamos de Calais [...]”. O cenário que mais a atormenta será Londres: “[...]A Torre [...] também foi atingida pelas bombas, mas relativamente pouco em comparação com os bairros que a rodeiam. Aqui sim, é que se vê o que isto deve ter sido de tremendo! Há quarteirões e quarteirões completamente desaparecido (sic)!É horrível! (FIGUEIREDO, 1949, p. 49).

O racionamento, as dificuldades, a inexistência de certos bens de primeira necessidade são também referidos ao longo do *Jornal de Viagem*. Já mencionámos o problema da gasolina, dos vestígios visíveis da Guerra, além desses, FTF também descreve a pobreza, sobretudo nos casamentos que vão a pé (durante a viagem serão vistos mais de cinco e apenas um é considerado agradável à vista), o atendimento nas bombas de gasolina que é feito, sobretudo em França, por mulheres “[...] quase todas de mais de meia idade, senão já velhas [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 83), os funerais levam acompanhamento só de velhos, as raparigas saem das fábricas sem meias nas pernas e não há guardanapos de pano nos hotéis (FIGUEIREDO, 1949, p. 32). Num dos dias, quando em Inglaterra, Olga Lobo da Costa presenteia uma senhora que recebera o grupo com “[...] dois pares de meias de nylon, em pleno teatro, as suas manifestações de regozijo pelo presente foram tais (em Londres não há à venda, só se conseguindo de contrabando e ela há que tempos que tem um único par!) que até as beijou!!!” (FIGUEIREDO, 1949, p. 43).

Apesar de todo este cenário, a viagem decorre da melhor forma e é deveras interessante comparar estes dados com os que, sobre a forma como o grupo viaja, encontramos ao longo do diário. Ainda que tenham feito dois piqueniques ao longo da viagem, os quatro elementos comem sempre em bons hotéis e pela descrição e consulta dos menus apensos ao *Jornal de Viagem*, constatamos que, então como hoje, o acesso a bens racionados em épocas de crise é sempre uma questão de dinheiro. O grupo almoça no *Crockford Club* (FIGUEIREDO, 1949, p. 50); vai assistir a espectáculos diversos, como a opereta *Bless the Bride*, no Adolphi Theatre; Olga Lobo da Costa vai à *manicure* e cabeleireiro do hotel, lancha no Café de Paris, em Londres, um “[...] restaurante-dancing que foi bombardeado durante a guerra e em que morreram todos os que lá se encontravam [...]”; vai a Ascot; come sorvetes (FIGUEIREDO, 1949, p. 41-43); guarda sempre o carro em garagens adequadas; aluga táxis para que lhes seja indicado o percurso desde a entrada de Londres ou Paris até ao hotel e, sobretudo nos dias que passam em Madrid, fazem compras e trazem “[...] coisas lindíssimas! [...] a Olga comprou um par de sapatos de pele de cobra por 175 pesetas[...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 91).

Do quotidiano deste grupo sabemos que todos escrevem para as respectivas famílias e recebem telegramas ao longo do percurso, que Fany deixará a sua “[...] borracha de água quente em Salamanca, na cama [...]”, que há mosquiteiros nos quartos bons em França, que naquele país “[...] todo o mundo [...] anda de bicicleta [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 5-6) ou que FTF pesa 60 kg, tem um pé grande, o seu relógio Tissot parou, há hotéis sem camas individuais e em Folkstone não há sabão no *lavatory* (FIGUEIREDO, 1949, p. 17).

Esta viagem, na qual gosta de quase tudo o que vê, há também algumas reflexões sociais, políticas e pessoais, feitas por Fernanda Tasso de Figueiredo, sobretudo em relação àquilo que a surpreende ou a magoa.

É a primeira vez que sai para o estrangeiro e nas reflexões que faz, no *Jornal de Viagem* e na correspondência que envia para casa, partilha com quem a lê diversos sentimentos, por vezes contraditórios. Tais pensamentos podem ser sobre os espectáculos a que assiste, sobre os companheiros de viagem ou mesmo sobre si.

Em Paris, o espectáculo que vê depois do jantar no *Lido* provoca-lhe uma reflexão em que se espelha muito do que pensa sobre a vida: “[...] bonito e imenso! É simplesmente fantástico o que ali se reúne de gente de tão variadas raças, classes e camadas sociais! Cada um vai e está como muito bem e melhor lhe apetece: havia fatos de noite, de simples meia toilette, de passeio, até de sport e mesmo madamas de chapéu... [...] As variedades são óptimas [...] acho que pela primeira vez na minha vida vi...toilettes à mãe Eva...tão completas... Mas tudo é tão belo, apresentado de tal forma e as raparigas dão-nos de tal maneira a sensação de estarem a mostrar-se assim para ganhar a vida, que não choca [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 10). O 1º de maio que passa em Paris leva-a a afirmar: “[...] não há táxis esta manhã em Paris, nem nenhum meio de transporte: não por ser domingo, como ao princípio imaginei, mas por ser o primeiro de Maio e, aqui, não irem para a cadeia ou ficarem sem emprego os que fizeram feriado [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 11).

Ao longo da viagem, FTF será sempre aquela de que todos troçam. Ela própria diz: “[...] sinto-me como a modestinha Cinderela em pleno baile dos contos de fadas da minha meninice [...]”. Os companheiros troçam dela por não desistir de escrever (FIGUEIREDO, 1949). O facto de ser divorciada é também motivo de troça e de comiseração. Em relação ao primeiro: “[...] o patife do Lobo da Costa foi dizer ao Chapman que eu sou divorciada e que andava a viajar porque ... queria ver se me casavam, pois os médicos diziam que eu endoideceria se...não voltasse a casar-me [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 19). O segundo aspecto será abordado por uma senhora em Madrid, “[...] Consuelo Peña (senhora interessantíssima de 47 anos) que ficou com muita pena de mim por eu ser divorciada, sem poder compreender nem admitir que eu ainda não voltei a casar-me [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 96). Sente-se vexada quando foi ver uma fábrica de máquinas agrícolas em laboração e “[...] Olga e Fany ralharam comigo por eu me interessar demais por tudo e querer dar o melhor dos meus sorrisos a todas as operárias e operários. Dizem ela que eles me tomarão por parvinha; eu, porém, sinto que (muitos, pelo menos, pela forma como corresponderam) que me compreenderam [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 31).

Depois da visita que faz à Torre Eiffel, escreve: “[...] a Olga e o Edgard estão convencidos que sou uma selvagem e têm medo, a todo o momento, de fazer... má figura, por minha causa... É uma ideia, mas é lá com eles: pode ser que alguma vez se convençam que eu sou menos ridícula e mais aprumada apesar de gesticular, rir e falar com entusiasmo e como me apetece, do que imaginam[...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 54).

Esta mágoa que sente, transparece ainda na apreciação que faz sobre Edgard Lobo da Costa, em relação à forma como este, na segunda parte da viagem, se comporta. Dirá ainda: “[...] o Edgard considera a França [...] bolchevista [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 83) e “[...] não gosta de viajar só o fazia à Bélgica e à Suíça para lá levar o Sneider. Por mim, embora com pena de já agora não aproveitar o resto, não se me dá voltar para tornar a ser eu própria sem contrôles que me desmoralizam [...] Por vezes chego a achar piada porque há coisas que eu não faria mas que os outros não acham menos correcto, achando porém que ser natural é “gauchice”, tão convencidos parecem de que os outros são uns selvagens que não têm a mais pequena noção do que é bem [...] Enfim, peneiras todos nós temos; dinheiro é que nem todos!” (Carta para filho 15 de maio). O comentário não fica por aqui ao dizer, na mesma carta: “[...] o Edgard não gosta de França [acho que o revolta a Igualdade e Fraternidade... que o faz achar esta gente insuportável de insolência...- opiniões...] [...]”. Na mesma carta para o filho e, por os seus companheiros de viagem não terem querido ir ao Museu do *Louvre*, este é o desabafo de FTF: “[...] tem havido uma resistência tremenda [...] que, como sou trouxa não sei dominar. A verdade é que sem dinheiro como eu vim (só com 50 dólares que estão guardados para a Suíça – o Edgard já teve de me emprestar 500 francos e em Inglaterra 5 libras [...] uma pessoa não pode ter a mais pequena independência e tem de se sujeitar a ser Maria vai com as outras [...]”. Para terminar, dirá ainda na mesma carta: “[...] fomos ao *Cabaret de Montmartre*. Claro que achei curiosíssimo porém o que não consegui foi divertir-me absolutamente nada: eu, já de mim, estou bastante pouco para folias (a não ser quando me sinto completamente à vontade, mas isso deixa logo de suceder mal começo com preocupações de elegâncias que são muito menos elegantes quanto menos naturais são. Enfim não há prazeres completos [...]”. Esta última afirmação é tanto mais interessante quanto contradiz o que, sobre essa saída, FTF escreveu no seu *Jornal da Viagem*, na mesma data...

Durante a viagem, o que mais surpreende Fernanda Tasso de Figueiredo são os mais de 50 vestidos e os três vestidos de noite de Fany, as compras que as suas companheiras de viagem fazem, de modo que chega a dizer: “[...] mantive-me na retranca [...]” (FIGUEIREDO, 1949).

Em relação ao que vê, surpreende-se com a forma educada como são atendidos nas bombas de gasolina (FIGUEIREDO, 1949, p. 10); o aspecto homossexual do empregado de quarto em Calais: “[...] todo dengoso [...] e tão ridículo [...]”, mas

a quem agradece pois lhe entrega a saboneteira em metal que ela esquecerá; com Picadilly, “[...] assim uma espécie do nosso Chiado, mas em plano e muito maior[...] I” (FIGUEIREDO, 1949, p. 20); e com “[...] várias oficiais. C’est drôle! Nos eléctricos, em Inglaterra, no serviço de guarda freios e condutores também há muitas mulheres, bem como na própria feira, muitas das máquinas expostas e que estão em plena actividade – para demonstração – são manipuladas por mulheres – raparigas novas e algumas bem gentis [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 25).

A sua admiração continua quando constata que “[...] os carros dos bebés andam às centenas pelas ruas. Vão às compras com as mães e sob qualquer tempo, com a mesma naturalidade com que se respira...É saudável e tão natural que agente (sic) sente que, os filhos aqui podem muito mais ser prazer do que empecilho: fazem parte da vida e esta não se modifica, antes fica mais completa [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 35); e que há bibliotecas públicas por toda a parte e “[...]há campos de jogos cheios de gente de todas as idades que os aproveitam todo o dia, de manhã à noite!” (FIGUEIREDO, 1949, p. 39). “Porque aqui não vê gente do campo ou com ar de operários ou trabalhadores ou miseráveis, como em Portugal e muito pior em Espanha, mal arranjada e porca” (FIGUEIREDO, 1949, p. 40).

O *Jornal de viagem* de Fernanda Tasso de Figueiredo foi escrito em duas fases: uma primeira, desde o início da viagem, e uma segunda, depois de ter regressado. Entre ambas está o intervalo de tempo necessário à reunião de toda a correspondência que FTF enviara à sua família e filho. Muitas vezes, tem o cuidado de não escrever sobre os mesmos assuntos, nas cartas que envia e nos apontamentos, como a própria afirma na carta à família, escrita de Paris “[...] Tento não repetir o que conto no diário de bordo em que faço por anotar o máximo que posso, embora apenas em apontamentos [...]” (FIGUEIREDO, 1949).

Ao pensar no trabalho que teria a passá-lo, dirá: “[...]A passagem à máquina do meu diário também me vai dar água pela barba. Sem ser completo como eu desejaria, adquiriu tais proporções que será um canudo valente com que terei de me haver ainda que com o maior prazer (FIGUEIREDO, 1949).

Vejamos agora quando e como o escreveu, para que o fez e o que representou esta viagem para a nossa diarista.

O *Jornal de viagem* foi sendo escrito desde o primeiro dia, ou seja, de 28 de abril de 1949. Dois dias depois, sabemos que os “[...] apontamentos da noite foram feitos no WC [...]”, pois Fany, que queria dormir e não conseguia por causa da luz acesa, mandara FTF para aquele local, onde ficou entre as 3 h (quando chegaram ao Hotel) e as 7 da manhã, período que ficara escrevendo.

Noutros dias, aproveitava para escrever durante a viagem e “[...]companheiros troçam de mim por eu não desistir de escrever...nem a 120 km à hora...Pois sim ralem-se: depois ainda hão-de gostar[...]” (FIGUEIREDO, 1949). O mesmo dirá, ao escrever para casa: “[...]escrevo a não sei quantos à hora, em pleníssima marcha do carro. Assim poderei fixar melhor algumas das emoções que vou tendo com o muito de novo que vou vendo e, desta forma, não perderei nunca mais [...]” (FIGUEIREDO, 1949).

Há algumas marcas de escrita que nos provam que, ao (re)escrever os seus apontamentos, vezes houve em que Fernanda Tasso de Figueiredo alterou e corrigiu o que tinha de memória ou não quisera dizer, em voz alta, durante a viagem. Ainda que alguns desses exemplos tenham sido já identificados, como a ida ao *cabaret Montmartre*, outros serão agora analisados.

Fernanda Tasso de Figueiredo reflecte sobre o impacto da visita sobre si e acrescenta: “[...] Mas, pergunto agora que passo o meu jornal de viagem à máquina: seria eu diferente se tivesse a sorte delas? Oh, eu não as invejo, embora tenha muita pena de mim; no entanto, se uma situação de felicidade me tirasse esta intensidade de entusiasmo que vibra em mim, e em determinados momentos me dá uma tão fantástica ilusão de felicidade, não sei, não sei se valeria a pena trocar[...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 24)

A viagem a diversos países, mesmo que de carro, com alguém que nem sempre partilhava a sede de cultura de Fernanda Tasso de Figueiredo, foi por esta vista como uma “[...]viagem verdadeiramente de sonho [...]” (Carta para família. 28 Abril). Essa é também a legenda que, pelo seu punho, foi escrita numa das fotografias que ilustram o *Jornal de Viagem*, cuja legenda é: “em pleno sonho” (FIGUEIREDO, 1949).

Esta designação, mesmo que sob outras formas, vai estar sempre presente, sobretudo do meio da viagem em diante, quando a ela se refere. Logo, na passagem de barco entre França e Inglaterra, dirá: “[...] é óptimo andar de barco. Sinto-me embalada como se fosse um bebé: gosto e não enjojo. Acho que estou no meu elemento[...]” (FIGUEIREDO, 1949).

Ao anotar o que vai vendo no carro, escreve: “[...] Assim poderei fixar melhor algumas das emoções que vou tendo com o muito de novo que vou vendo e, desta forma, não perderei nunca mais. Como esta viagem será a girândola final nos divertimentos da minha pobre vida, quero guardá-los, sofregamente, para que, ao menos possa guardar tantas e tão belas recordações que nela ameaharei [...]”. Mais adiante, acrescenta: “[...] Chegamos à conclusão de que esta viagem nos vai deixar recordações para muitos anos de vida (para mim para o resto dos meus dias, não

pouco posso já esperar dos¹⁵ que ainda me restem para grammar, tão pouco agradável tem sido a minha tão mal empregadinha existência) [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 18).

Esta viagem de *sonho* vai trazer-lhe três “desastres”: “[...] deixei a caixa de metal do sabonete em Calais; queimei o vestido em Wigginton; e agora... foi-se-me a sardanisca...O que vale é que estas coisas já não me ralam mais do que muitíssimo relativamente. Antes ralassem que era sinal de que ainda não sofrera muito[...]”(FIGUEIREDO, 1949, p.79).

Perdera uma de suas sardaniscas, “o meu símbolo”, que significava: “Após a morte, ainda em luta acesa, num reflexo de vida, corajosa, sua carne, esfacelada, indefesa, contra o nada se revoltou, raivosa! [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 78).

Apesar disso e de não poder comprar mais do que algumas lembranças para os seus,¹⁶ a viagem valera a pena. Ainda a 17 de maio, escrevia ao filho: “[...] O tempo tem passado tão depressa que me custa a crer ter saído de Lisboa há vinte dias, tantas e tão lindas coisas me tem sido dado ver e disfrutar! Quando este sonho acabar acho que ficarei com a sensação de ter tido uma bela miragem, [...] É por isso que me sabe bem registá-la para, depois, ter sempre presente a realidade de a ter vivido” (FIGUEIREDO, 1949, p. 84).

Embora a irmã lhe tivesse feito um empréstimo para realizar a viagem, ela queria pagá-la. “[...] O Edgard só me deixa apontar [as despesas de viagem] por curiosidade: mas eu acho óptimo porque assim tenho a faca e o queijo na mão para lhe pagar a minha parte que não aceitaria à borla nem que me matassem. Vai sair-me do pêlo, mas quem quer festa... sua-lhe a testa... Mas tenho muito tempo de pensar em desgraças” (Carta para família. 20 de maio).

Ao fazer as malas para partir, a 22 de maio, chorou “[...] porque chorei, aliás, sei-o muito bem: com o ver findar aquele magnífico sonho e a consciência do regresso à minha realidade de sempre continuamente e desoladoramente só e isolada...” (FIGUEIREDO, 1949, p. 96).

Quando chegou, logo no dia 25 de maio, à noite, a família reuniu-se e começou a ler algumas passagens do *Jornal de Viagem*: “[...] mal foi servido o café fizeram-me ir buscar o meu diário de que fui lendo passagens, ao acaso, aqui e além, mas em especial a chegada a Inglaterra [...]” (FIGUEIREDO, 1949, p. 98).

¹⁵ Do que me resta (está com x da máquina, como quando rasuramos).

¹⁶ A irmã pedira uma estola de peles, um vestido e um casaco, mas não lha comprou. Para ela, comprara um *baton* que há muito queria e o fato de banho em malha de lã. Para o filho comprou uma maleta de viagem e à Mané, um chapéu de chuva bem como “a lembrança que o Nibinhas me pediu, em segredo, para a mais que tudo...” (20 de maio).

O *Jornal de Viagem* de Fernanda Tasso de Figueiredo acaba com a sua assinatura, em manuscrito, precedida do seguinte texto: “Vou terminar com um agradecimento ao casal Lobo da Costa: que deus os abençoe por me terem dado a única possibilidade de realizar uma das grandes aspirações de toda a minha vida – julgo que desde o berço – fazer uma viagem! Não fui talvez a companheira ideal que poderiam desejar: eu estou um pouco embrutecida com o isolamento a que a minha vida de trabalho me obriga e a convivência bem pouco agradável a que ela me sujeita [...] Que a sua benevolência me perdoe acreditando no meu reconhecimento sincero e grato que lhes dedicarei para todo o resto da minha vida. É assim que quis terminar a história [...]”.

Datada de 1º de junho de 1949, no Grémio, como muitas vezes fazia, Fernanda Tasso de Figueiredo, escreve para o filho e envia jornal dactilografado:

Junto o começo do meu jornal de viagem: os dias 28 e 29. À medida que o for passando à máquina to irei remetendo. Assim é mais fácil de enviar e...não te maçarás muito a sua leitura que feita à laia de folhetim até desperta mais interesse...se lhe achares algum”. Também refere que ela escolhera 68 fotografias de um total de “cento e tal provas” que Edgard Lobo da Costa lhe enviara no dia anterior. Acrescenta: “[...] Essas vê-las-ás quando cá vieres [...] Elas farão parte documental bem como menus e anúncios de hotéis, restaurantes e dancings por onde andei, do meu jornal de viagem. Acho que vai ficar engraçado. Não tenho pretensões a literaturas mas creio que está emotivo e, nalgumas passagens, emocional [...]”.(FIGUEIREDO, 1949).

No final desta leitura do *Jornal de Viagem* de Fernanda Tasso de Figueiredo, apenas adaptamos a frase que ela escrevera em carta que, em 9 de maio de 1949, de Londres, enviara ao filho:

“[...] Aqui tens a história fantástica [...] desta viagem das mil e uma noites da tua mãe [...]”.

Abstract: This text looks for analyzing, Fernanda Tasso de Figueiredo's trajectory, from letters, articles and other documents. We only knew a short biography about that lady published in an appendix on other investigation work (GUIMARÃES, 2002) such as the references which, in this font, were related to her participation in Modas & Bordados magazine. She collaborated on it, between 1943 and 1945, during the direction of Maria Lamas, principally with articles and reports on “sociological interests”, among other figures such as the doctors Carolina dos Remédios, Sara Benoliel and Maria Carolina Ramos, Emília de Sousa Costa, Irene Lisboa, Lília da Fonseca (the feminist Maria Lígia Valente da Fonseca Severino's pseudonym),

Manuela Porto, Maria de Castro Henriques Osswald or yet Virginia Motta. . So, the data which, about the same character, we collected during our research are, as we'll see, a valuable help to bring Fernanda Tasso de Figueiredo to the place she deserves to be, along with other women who, from the middle of the last century on contributed, with their work, to give major visibility to the struggles in feminine/feminist area that keep being waged until nowadays.

Keywords: *Fernanda Tasso de Figueiredo; gender and epistolary writing.*

Recebido em junho de 2010 e aceito para publicação em outubro de 2010.

Referências

Fontes primárias

FIGUEIREDO, Fernanda Tasso de. *Jornal de viagem*, Lisboa, 1949. (Dactiloscrito/manuscrito).

LAGE, Isabel Maria de Caldas Correia. *Depoimento*. Lisboa, 5 mar. 2004. (1h 30 min). Entrevista sobre Fernanda Tasso de Figueiredo.

ROSA, Maria Lúcia Vassalo Namorado Silva. *Espólio*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 2001. 85 Caixas arquivadoras + 6 Caixas.

Fontes secundárias

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. La biografía como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul, Brasil: EDUNISC, 2000. p. 9-48.

ALMA FEMININA. n. 5/6, maio/junho 1931, p. 17. In: ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES COMUNISTAS. *Subsídios para a história das lutas e movimentos de mulheres em Portugal sob o regime fascista (1926-1974)*. Lisboa: Avante, 1994.

AMÂNCIO, Lúgia. Como se constrói a diferença e a desigualdade. *Diário de Notícias, Notícias Magazine*, p. 27-34, 2 fev. 2003.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo, Brasil: UPF, 2002. p. 14-42.

BOURDIEU, Pierre. *O que falar quer dizer: a economia das trocas linguísticas*. Lisboa: Difel, 1998.

BRAZÃO, Arnaldo. *O primeiro congresso feminista e de educação: relatório*. Lisboa: Edições Spartacus, 1925.

CONSELHO NACIONAL DAS MULHERES PORTUGUESAS. *Estatuto*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia O Século, 1946a.

_____. Livro de Reuniões de Sócias. *Actas*. Lisboa, 10 nov. 1945 – 7 nov. 1946b. (Depositado no Movimento Democrático de Mulheres]

_____. (Org.). *Catálogo da exposição de livros escritos por mulheres na Sociedade Nacional de Belas Artes*. Lisboa: Gráfica Santelmo, 1947.

COSTA, Suely Gomes. Diário de uma e outras meninas...In: LOBO, Yolanda; FARIA, Lia (org.) *Vozes femininas do Império e da república*. Rio de Janeiro: Quartet:FAPERJ, 2008. p. 47-77

ESTEVES, João. Falar de mulheres: silêncios e memórias. In: CASTRO, Zília Osório de (Dir.). *Falar de mulheres: da igualdade à paridade*. Lisboa: livros horizonte, 2003. p. 63- 84.

ESTRATÉGIA narrativa. In: REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1987. p. 136-138.

FEDERATION ABOLICIONISTE INTERNATIONALE. *Qu'est-ce que la Fédération Abolitionniste Internationale?* Genève: FAI, 1931.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Veja, 1992. p. 129-160.

GORJÃO, Vanda. *Mulheres em tempos sombrios: oposição feminina ao Estado Novo*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2002.

GUIMARÃES, Maria Alice Ramalhete Pinto. Apêndices. In: _____. *Saberes, modas & pó de arroz: modas & bordados: vida feminina: 1933-1955*. 2002. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2002.

IONTA, Marilda. Cartas de pijama: amizade e relações de género na correspondência de Mário de Andrade e Anita Malfatti. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). *Destino das letras: histórias, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo, Brasil: UPF, 2002. p. 248-260.

LACERDA, Lílian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 81- 107.

LE GOFF, Jacques. A História do quotidiano. In: _____. *História e nova História*. Lisboa: Teorema, 1986. p. 73-82.

MATTOSO, José. *A escrita da História: teorias e métodos*. Lisboa: Estampa, 1977.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). *Refúgios do Eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MIRA, Ferreira de. *Higiene rural*. Lisboa: Livraria Luso – Espanhola, 1945.

- ORGANIZAÇÃO DAS MULHERES COMUNISTAS. *Subsídios para a história das lutas e movimentos de mulheres em Portugal sob o regime fascista (1926-1974)*. Lisboa: Avante, 1994.
- ORIEUX, Jean. A Arte do biógrafo. In: História e nova História. Lisboa: Teorema, 1986. p. 33-42.
- OS NOSSOS FILHOS. 1944-1955.
- PAIS, José Machado. Austeridade e moralismo dos padrões estéticos. In: REIS, António (Dir.). *Portugal contemporâneo*. Lisboa: Alfa, 1990. v. 4. p. 349-352
- PESSOA; Ana Maria. *A educação das mães e das crianças no Estado Novo*: a proposta de Maria Lúcia Vassalo Namorado. 2006. Dissertação (Doutoramento em Ciências da Educação: área de História da Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2006.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. O Cotidiano como objecto teórico ou o impasse entre ciência e senso comum. In MESQUITA, Zélia; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Orgs.). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Santa Cruz do Sul, RS: UFRES, UNISC, 1995. p. 30-39
- ROSAS, Fernando. Os anos guerra e a primeira crise do regime. In: REIS, António (Dir.). *Portugal contemporâneo: 1926-1958*. Lisboa: Alfa, 1990.
- THOMPSON, Paul. *Formulando e reformulando histórias de vida: problemas e potências no arquivo de narrativas de pesquisa*. Santarém: Escola Superior de Educação, 1996. (Cadernos do Projecto Museológico sobre Educação e Infância; 50).
- TOURAINÉ, Alain. *Le monde des femmes*. Paris: Fayard, 2006.
- VICENTE, Ana. *Direitos das mulheres: direitos humanos*. Lisboa: CIDM, 2000.